

O Super-Homem (O fundamento evolucionista do übermensch de Frederic Nietzsche)*

Almachio Diniz**

Resumo: Neste ensaio, o “filósofo baiano” Almachio Diniz procura descobrir no “super-homem” de Nietzsche os princípios do evolucionismo filosófico, que ele remete a Ernst Haeckel. Nesse sentido, defende que o übermensch, diante da ideia da evolução universal, é um fato a consumir-se futuramente.

Palavras-chave: Nietzsche - super-homem - evolucionismo - Zarathustra

Nenhuma obra litero-filosófica do século que passou, obteve maior sucesso do que a extravagante e incongruente de FREDERIC NIETZSCHE, o original viajante das solenes alturas do Sils-Marie. A sua importância, portanto, se estende até às obras dos seus críticos, dos seus interpretadores e comentários, com que nestes últimos tempos se tem enriquecido a literatura filosófica de todos os países. Se na sublime criação do superhomem se podem descobrir a forma e o jeito de um grande fantasma, não se deve temer, por isso mesmo, o seu fracasso: na correspondência de seu valor intrínseco perante os princípios evolucionistas da ciência hodierna, se é um fantasma, tem, contudo, as honras da imortalidade na tradição dos conhecimentos humanos. Será possível a vinda do superhomem?

* Publicado no livro *Questões Atuais de Filosofia e Direito*. H. GARNIER, Rio de Janeiro, 1909, p. 37-59.

** Almachio Diniz Gonçalves (1880-1937) foi advogado, jurista, professor, escritor, filósofo e poeta baiano.

Qual o fundamento natural desta previsão? Difíceis, no entanto, não serão as considerações precisas para a sustentação do ideal evolucionista de NIETZSCHE.

I

O LIVRO DE ZARATHUSTRA

Na fase aguda de combate ao idealismo de qualquer espécie que se vem atravessando nestes últimos anos, sob a influência de um mesmo ideal, em tempos e lugares diferentes, e sob as formas caprichosas de temperamentos variados, JOHN RUSKIN apontou o aparecimento do *superhuman* ideal na arte, JEAN ISOLET, traduzindo os *representative-men* de D'EMERSON, chamou-os de *les surhumains*, GABRIELE D'ANNUNZIO, o mais artista de todos, preparou, na arte, o advento do *superuomo*, CARLYLE imaginou as fogosas figuras dos heróis, e HENRYCK IBSEN a sua arbitrária e reação de seu drama *Brand*. Nenhuma destas eloquentes passagens do idealismo de transição, porém, se equiparar pôde à previsão evolucionista do *ueber mensch* (*sic*), conforme a expôs o seu autor no — *Also sprach Zarathustra* — ou seja nesse tratado que se deveria ter chamado, simplesmente, mas com muita expressão, o livro de Zarathustra (*sic*).

Vem, nas páginas desse livro, desenhado o perfil do superhomem, não como uma simples fantasia de um cérebro de poeta, o que NIETZSCHE não foi, mas sim como uma doutrina verificável, de futuro, resultante natural das fórmulas biológicas do evolucionismo universal, segundo o maior dos filósofos que é ERNST HAECKEL, principalmente como famoso autor da — *Natürliche Schöpfungsgechichte*. A história do — *Also sprach Zarathustra* — a gênese desse livro altamente pretencioso, em virtude de seu subjetivismo egoísta, o *fieri* enfim, da criação de

Zarathustra, graças à celeuma que conseguiu levantar entre os adeptos dos preconceitos da ciência e do dogma, é fácil de ser recomposta, e, assim, indispensável para a sustentação segura do fato natural que no *uebermensch* se expandiu. A vida e a origem do escandaloso livro, não se perderam, apesar do indiferentismo que em seu torno procurou derramar a reptilosa (*sic*) malquerença dos seus contemporâneos. Datam ambas elas do mesmo momento, em que no sábio alemão germinou, com a beleza serena de sua real superioridade, a sua intemperante indiferença aos homens e às coisas de seu tempo. E, claramente, ele próprio assinala as origens de seu revolucionário livro, apontando-as no “começo do mês de agosto, em 1881, no Sils-Marie, seis mil pés acima do nível dos mares, e, muito mais alto ainda, acima de todas as coisas humanas”. É de conveniência, neste ponto, lembrar-se que, como era natural, NIETZSCHE estivera em contato direto com o mundo, aí sondando, superiormente, os vícios, como também as perfeições do gênero humano, isto até ao momento da sua resolução heroica de legar aos pósteros de sua geração as grandes ideias que Zarathustra — o trabalhado símbolo de seu pensamento ardente — lhe despertou, pela época de sua passagem em Engandine, nas poéticas e admiráveis margens do lago de Silvaplana (*sic*).

Sabe-se que, de contínuo, fora ele um perseguido pelas tentações de fazer-se escritor. Em 1871-1872, na verdade, FREDERIC NIETZSCHE sentiu altas inspirações sob a subtil influência dos largos e claros panoramas das eminências, quando ele jornadeara em Bâle (*sic*), e quando Zarathustra lhe palpitou maravilho sãmente no cérebro, distanciando o pensador das banalidades convencionais, do vaidoso convívio dos homens, numa era de civilização em decadência. Mas, afastado do que ele diria o parei foco real das corrupções, o autor da — *Genealogia da Moral* — deixou que decorresse, nada fazendo de público, uma reticência

de dez anos... Depois de 1881, porém, as suas ideias rapidamente se acentuaram, ganharam um modo definido, a fim de chegar a hora da volta das cousas. Assim, tornando-se conhecidos os seus primeiros esforços já deixavam a descoberto a *beleza diamantina das primeiras palavras de Zarathustra*... Fora, portanto, julgando-se purificado de tudo, que, em 1882, redigindo a conhecida — *La gaga scienza* — deixava aí, como disse o seu mais assíduo interprete HENRI ALBERT, “cent índices de l’approché de quel-que chose d’incomparable”.

Pouco importa, aqui, a relação entre causa e consequentes; mas guindado — e porque se não dizer assim? — à vida de um exclusivismo voluntarioso, NIETZSCHE teve, com efeito, a renitência da ideia de todo grande espírito, de todo homem superior aos que o cercaram no início de sua ascensão original, do homem que prescindiu dos apupos incondicionais das multidões louvaminheiras, e nisto inconscientes, para conseguir o sucesso universal de seus livros. Como todo espírito distinto, por certo, quis ser incompreendido não só pelos grosseiros apreciadores das banalidades que abarrotavam, nos seus dias, as livrarias, como também pela arrojada corte dos nulos, dos pedantes na pretensão de atingir os grandes intelectuais.

Tanto por isso, inscreveu-se como epígrafe do — *Also sprach Zarathustra* — a celebre frase reveladora de muita filosofia extravagante: “um livro para todo o mundo e para ninguém”.

Estabelecidos esses esclarecimentos, possível é que se limitem os momentos evolucionistas daquela criação. Ora, nas proximidades de Gênova, em Rapallo (Itália), durante os meses de janeiro e fevereiro de 1883, NIETZSCHE escreveu a primeira parte de seu livro capital, parte que, em opúsculo, teve publicidade em maio do mesmo ano, pela casa editora de E. Schmeitzner, de Chemnitz, trazendo já o curioso título bíblico de — *Also sprach*

Zarathustra. Compenetrado, então, da magna importância das predicas que atribuía ao “*Cenobiarca*” o afervorado filósofo justificou, deste modo, a concepção daquela primeira parte: “Pela manhã, subi a soberba estrada de Zoagli, dirigindo-me para o sul, ao longo de um pinheiral. Eu via desenrolar-se o mar diante de mim, o qual se estendia até ao horizonte. Depois de meio dia, tinha feito a volta de toda a baía, desde Santa Margherita até detrás de Portofino. Foi por esses dois caminhos que me veio a ideia de toda a primeira parte de *Zarathustra*, ou todo o *Zarathustra*, encarado como um modelo; ou, melhor ainda, foi quando o *Zarathustra* apareceu em mim (*er fiel mir ein — e — er uberfiel mich*) > (*sic*). Com esses e outros dados mais precisos, constantes do *Nietzsche-Archiv*, os biógrafos do filósofo consignam que na consubstanciação da primeira parte dos discursos de *Zarathustra*, começados pelas — *Três transformações* — porque pôde passar o espírito humano — < como o espírito se torna camelo, como o camelo se torna leão, e como o leão, enfim, se torna menino > — e terminando pela — *Virtude de quem dá* — onde ele firmou, definitivamente, que < todos os deuses estão mortos, agora vive o sobrehumano > — gastou o eminente escritor apenas dez dias, despendendo menor prazo, aliás, posteriormente, para a radical e perfeita redação do trabalho escrito. E, por uma fatal coincidência, atendendo-se às lutas e relações espirituais entre R. WAGNER e F. NIETZSCHE, este terminou a — *Virtude de quem dá* — o último canto daquela primeira parte, em 13 de fevereiro de 1883, “exatamente na hora sagrada em que R. WAGNER morria em Veneza”... (*sic*).

Nessa data NIETZSCHE já era um sofredor. Mas, não seriam os sofrimentos físicos (porque NIETZSCHE muito padecia de enfermidades do corpo) e morais, que cortariam os seus esforçados empenhos para a conclusão, de sua obra original. E, convicto de sua tenacidade, dizia em tese: “Duvido que o sofrimento nos torne

melhores; mas, o que sei é que ele nos torna mais profundos”. Efetivamente, a sua filosofia tem a profundidade crescente de sua enfermidade agravada, e, certamente, por força disto, a sua obra fundou os alicerces de uma filosofia grandemente reacionária. Por isto, entretanto, deixaria NIETZSCHE de concorrer para a grandeza do atual sistema filosófico, do sistema dominante? Ao contrário, e em virtude de uma reação contra o pessimismo de SCHOPENHAUER, constituiu-se NIETZSCHE um “campeão da vida”, na frase de JULES DE GAULTIER. Da reação que ele estudou do poder da espécie humana contra o seu próprio destino mostrando-se adversário intolerante da resignação evangélica e do pessimismo cristão, veio o fundamento de seu contingente à filosofia evolucionista, o qual foi o superhomem. Porventura, a explicação filosófica dos mundos dispensaria o concurso de muitos, para ser obra de um só? Ora, KANT buscando a norma dentro da razão individual, HEGEL, SCHELLING, COMTE determinando o terceiro estado da evolução geral, o positivo, Mill, RENOUVIER, VIGO pregando que “il mondo é fatto dagli uomini”, SUMNER MAINE, ARDIGÓ, SPENCER dando as fórmulas da moral animal e da justiça sub-humana, e HAECKEL fundando o monismo naturalístico, todos os que trabalharam para a fundação de uma filosofia definitiva, foram, com grande mérito, obreiros do monismo filosófico, que FREDERIC NIETZSCHE acentuou, ainda uma vez, na unidade das forças que podem reger a vida humana, para a formação transformista ou evolucionista do superhomem, que é o próprio homem dominado por si mesmo... Apesar de aumentados, de dia para dia, os padecimentos físicos do grande autor, ele escreveu, “ao correr de uma primavera melancólica > (*sic*), a segunda parte do — *Also sprach Zarathustra* — com espontaneidade muito semelhante à da primeira. Iniciou-a com o eloquente discurso — *canto da noite* — em maio de 1883 e deixou-a definitivamente

formulada num trabalho de 17 de junho a 6 de julho daquele ano, fazendo-a manuscrito perfeito antes de 15 desse último mês. NIETZSCHE começou-a em Roma, numa “loggia”, “de onde se divulgava toda a cidade e de onde se ouvia mugir em baixo a Fontana”, acabando-a em Sils-Marie, lugar soberbo, anteriormente escolhido para a escrita de toda a primeira parte. Aquela foi editada em setembro de 1883, pela mesma casa de E. Schmeitzner, em Chemnitz, sob o mesmo título pomposo, trazendo, porém, para a sua especificação, a rubrica do algarismo —2. Foi nesta segunda parte que vieram os argumentos contra a moral humana de sua época. E o filósofo alemão imaginou uma agonia da moral, chamada pelos franceses — *angoisse nietzschienne* — assim exposta por EUGÈNE DE ROBERTY. “Como quer que seja, finalmente, o mundo ouviu a voz que há dois séculos, com SPINOSA, e há meio século, com STIRNER, se ecoava no deserto, ainda. O mundo não ficou surdo ao apelo eloquente de NIETZSCHE. Acolheu bem, ao que parece, o formidável grito de guerra soltado por esse filósofo combatente. Tudo isso indica, ao meu ver, que aquilo que se tem chamado — *angoisse nietzschienne*—longe de ser um fato isolado ou único, constitui já um estado de alma bastante espalhado. Tudo isto testemunha que os tempos estão mudados, que nós estamos em plena crise moral, que o século da sociologia não pensou, não refletiu e não trabalhou em vão; que a ética tradicional, como as outras formas do puro empirismo, na ciência, na filosofia, na arte e até na prática, está gravemente atingida. Tudo isso prova, enfim, que NIETZSCHE não foi injusto, talvez, anunciando “a morte da moral”, da moral cristã, tão bem quanto da ética utilitária, como o ‘espetáculo grandioso em cem atos’”, que terá cartaz durante < os próximos séculos da história europeia >, espetáculo terrífico, entre todos, e, talvez, fecundo, entre todos, igualmente, em magníficas esperanças”.

Morta, pois, a moral, convinha ir para diante. E NIETZSCHE

foi. Diante do maravilhoso sucesso da segunda parte, portanto, escrevia o autor de — *Also sprach Zarathustra* — o terceiro trecho de sua obra fundamental, deste modo referindo-se, mais tarde, a este seu esforço: “No inverno seguinte (1884) sob o céu alciônico de Nice, que, pela vez primeira raiava para mim, achei o terceiro Zarathustra. Essa parte decisiva que traz o título— *Velhas e novas taboas* — escrevi durante uma ascensão das mais penosas da *gare à* surpreendente cidade maura Eza, edificada entre rochedos”. E, no decurso de dez dias, antes de 31 de janeiro daquele ano, o manuscrito estava pronto; e, trasladado, com zelo, para a impressão, ficou antes do meado de fevereiro seguinte. O mesmo editor trouxe-o à luz da publicidade sob a rubrica do simples algarismo —3 — em abril do mesmo ano, sendo observados o mesmo título e a celebrada frase com que se epigrafaram as outras partes. É de registrar-se que do discurso — *O viajante* — às páginas do — *Sete flagelos* — a terceira parte do — *Also sprach Zarathustra* — se caracterizou por uma dicção muito mais cuidada, por meio de um estilo mais artístico, e uso de concepções altamente filosóficas.

Dois anos depois, foi feita uma edição das três primeiras partes num só volume, nos fins de 1886, pela casa de E. W. Fritsch, de Leipzig, constatando, de um modo efetivo, o mérito, e traçando-se a glorificação do grande filósofo.

A perfeição das doutrinas deste crescia em todos os seus novos trabalhos, sob todas as formas, e NIETZSCHE, cada vez mais apurado no seu eterno sofrimento de solitário que se regenerou, desdobrava-se no filólogo que não devia ter, como de fato não tinha, rudezas nem banalidades na expressão; no esteta, que encantava com a simplicidade genial de suas poéticas inspirações, e no sábio filósofo, no evidente pensador, que reformar quis a moral secular dos homens, dando a palavra de alarma, no sentido de sua morte, impondo, enfim, o conhecimento da fase angustiada da moral cristã.

Assim trabalhando, em Menton, correndo novembro de ano de 1884, começou de escrever a quarta parte de sua grande criação evolucionista, e em princípios de 1885, tendo havido, no seu esforço, uma luta inexplicável, fechou os discursos de Zarathustra, concluindo a figura do superhomem. O autógrafo, então, foi enviado para a impressão em 12 de fevereiro daquele ano. É sem razão que se tem publicado esta última escrita de NIETZSCHE como quarta e última parte do — *Also sprach Zarathustra* — porquanto, não só pelas ideias ali expostas, como também pelo que o próprio autor escreveu a BRANDES, outras partes deveriam seguir-se: “Seu verdadeiro título” — dizia NIETZSCHE a BRANDES — < com relação ao que precede e ao que deve seguir, deveria ser — *A tentação de Zarathustra — um intermezzo* >. Efetivamente, planos e esboços ao depois publicados, indicaram que novas partes viriam, e que a grande força do livro de NIETZSCHE deveria terminar, tragicamente, na morte de Zarathustra. Mas, a enfermidade, a sua grande dor moral que levou o homem ao fim tristíssimo da loucura, todos esses incidentes concorreram para que ele não pudesse completar o seu esforço, arrojadamente começado. E, só por isso, a sua obra ficou limitada na quarta parte, que, editada às expensas de seu autor, veio a lume em abril de 1885, numa edição de quarenta exemplares, com a especial inscrição— “para meus amigos somente e não para o público”. Aos seus raros leitores se pediu uma absoluta discrição... e só depois que a dolorosa enfermidade inibiu NIETZSCHE de não querer a tiragem de seu livro para o conhecimento do público, foi que a casa de C. G. Nau-mann, de Leipzig, a republicou, no correr do mês de março de 1892. Neste tempo estavam perdidas todas as esperanças de cura e NIETZSCHE era um enfermo sem salvação...

Tal foi a gênese do — *Also sprach Zarathustra* — da grande concepção de FREDERIC NIETZSCHE: o modo por que o pensador alemão idealizou, nas alturas do Sils-Marie, longe do bulício do

mundo, estabelecendo, assim, pelo isolamento, o *processus* da seleção intelectual, é de grande valor para o conhecimento da real importância filosófica do superhomem, no conjunto do atual sistema filosófico dos mundos.

II

BASES IDEAES DA THEORIA DO SUPERHOMEM

A teoria do superhomem é o trecho capital, e talvez, o único, de toda a obra de FREDERIC NIETZSCHE, quer se encare esta como religião, ao modo de seus mais exagerados discípulos, quer se a enfrente como uma filosofia subjetiva, merecendo os qualificativos de neo-cinismo, como lhe deu J. BOURDEAU. Mas, as bases daquela teoria são de ordens diversas — ideais, filosóficas e naturais. O seu desenvolvimento, naturalmente, em qualquer dessas espécies, é indispensável no presente estudo. Obedecendo às maiores forças de sua fecunda inspiração filosófica, FREDERIC NIETZSCHE, quando redigia, em 1882, *La gaya scienza*, lançou o brado de alerta para a próxima futura metamorfose biológica que há de fazer sair um ser novo do atual homem, não a encarando como um acontecimento justificado no domínio da biologia animal, mas sim como uma espontânea criação de seu grande intelecto. “Se se considerar como agem — escrevia ele — as justificações geral e filosófica de sua maneira de viver e de pensar sobre cada indivíduo, isto é, o que o sol que brilha exprime para esse indivíduo, um sol que excita, bendiz e fecunda, quanto essa justificação torna independente dos louvores e das blasfêmias, satisfeito, pródigo, rico, em felicidades e benevolências, quanto transmuda, continuamente, o mal em bem, faz florir e amadurecer todas as

forças, e impede de crescer a pequena e a grande erva da aflição e do descontentamento: — acabar-se-á por exclamar em um tom de oração: — oh! que muitos desses sois sejam criados! Os maus, também os infelizes, os homens de exceção, devem ter uma filosofia, seu bom direito, seu raio de sol! Não é a piedade que é preciso para eles! —é preciso que percamos este acesso de orgulho, ainda que seja sobre ele que a humanidade se tenha instruído, de muito tempo para cá, e o tenha exercido — não temos que instituir, para eles, confesores, nigromancias, e sentenças de absolvições. É uma nova justiça, que é necessária! É uma nova sanção! Há necessidade de novos filósofos! A terra moral também é redonda! A terra moral também tem os seus antípodas. Estes também têm o direito de viver! Fica um outro mundo para se descobrir, e mais de um! Para bordo, vós, outros filósofos!”.

Neste novo mundo, assim idealizado, NIETZSCHE teve a ideia, ainda maior, do superhomem. Isso pareceu-lhe, ao meu ver, a solução da grande incógnita filosófica que se ocultava na finalidade hominal, que outra coisa não é senão a da celebre pergunta de Louis BUCHNER— “para onde vamos?”. É, para mim, o que planejou o solitário viajante do Sils-Marie, está bastante claro no evolucionismo filosófico, de que é prógono ERNST HAECKEL, o grande sábio alemão. Devia ser com este sentido, e com outro não foi, por certo, que Zarathustra disse num dos seus discursos: “Ficai fiéis à terra! O sobrehumano é o sentido da terra!”. Por aí se verifica que, como homem, NIETZSCHE se considerava um animal, mas evolucionista, capaz de reformar-se por seu próprio esforço — aí está a artificialidade, ou o idealismo absoluto, de sua criação — capaz de constituir o sobrehumano, traduzindo-se em realidade a concepção firmada na celebre máxima: — “o superhomem é o sentido da terra” — alhures completada pelo fogoso pensador germânico: “Eu vos conjuro, meus irmãos, ficai fiéis à terra, e não crede naqueles

que vos falam de esperanças supraterestras!”. Como se nota, pois, em FREDERIC NIETZSCHE havia a possibilidade, apesar de seu excitado idealismo, rara nos homens, do conhecimento de si mesmo, e nisto, certamente, ficou a parte mais perfeita de sua obra eloquente e bela. Era por isso mesmo que ele, impiedosamente, atacava o homem e a sua moral; assim procedendo, o revolucionário escritor tirava a limpo a ideia do superhomem, < cujo conceito — na frase de EUGÈNE DE ROBERTY — é o ponto culminante do evangelho moral promulgado por Nietzsche >. Este firmava-se, ainda mais, no seu modo de encarar a filosofia, como o < juiz da vida e seu reformador >, tendo a missão de “criar o que se chama cultura”, de onde, em sua opinião, aliás racional, o problema filosófico reduzir-se a “assegurar a grande imutabilidade que pertence às diversas categorias de coisas, a fim de poder, apoiando-se sobre essa base, proceder ao melhoramento da parte inconstante ou modificável da existência”. Em virtude destes e outros conceitos, foram escritas as seguintes palavras: < Quase todas as doutrinas e teorias de NIETZSCHE nos trazem esta surpresa: resolvem-se, finalmente, em contrário, contribuem para o triunfo das ideias de suas teses, que, à primeira vista, parecem dever ser excluídas > (*sic*).

Rebuscando elementos no seu idealismo subjetivista, FREDERIC NIETZSCHE assentava o seu sistema filosófico do superhomem sobre aforismas assim concebidos: “A terra tem uma pele e esta pele tem moléstias. Uma destas moléstias chama-se, por exemplo, — homem!”. Em outro ponto, acrescentava: “E eu vi uma grande tristeza baixar sobre os homens. Os melhores fatigaram-se com as suas obras. Uma doutrina foi posta em circulação, e, ao lado dela, uma crença: — Tudo está oco, tudo está igualado, tudo está findo!”. E, em todas as colinas próximas daquela em que Zarathustra falava, ressoou a resposta melancólica e pesarosa: < Tudo está oco, tudo está igualado, tudo está findo! > Sob um outro

aspecto, no costume de ver a vida do mundo seu contemporâneo do alto das montanhas, assim delimitou as suas emoções: “O mundo me parece o sonho e a invenção de um deus, vapores coloridos diante dos olhos de um divino descontente > (*sic*). Por igual, quando descia das montanhas, ou saía da solidão das selvas, para viver com os homens, delineava bem o superhomem. “... Vosso mais alto pensamento — é preciso que eu vo-lo indique — é este: o homem é alguma coisa que deve ser subjugada”. Nessas descidas inevitáveis, observava bem os conjuntos humanos, e horrorizando-se escrevia: “... O estado é o mais frio dos monstros frios; mente também friamente, e eis aqui a mentira que sai de sua boca: — Eu, o estado, eu sou o povo!”. Diante dessa fantasia, o filósofo ficava com habilitações para poder dizer: “Onde cessa a solidão começa a praça pública, e onde começa a praça pública começa também o ruído dos grandes comediantes e também o burburinho das moscas venenosas”. Depois disto, se voltava para a habitual solidão, sobre a qual EUGÈNE DE ROBERTY dissera:— “o que ele queria era a elevação de cada um e de todos, era a *aristocratização das multidões* > — NIETZSCHE agia de acordo com a sua crença de que “um só era sempre muita gente em torno de si >... Ora, foi nas páginas de — *A virtude de quem dá* --- sublime capítulo do — *Also sprach Zarathustra* — que FREDERIC NIETZSCHE melhor falou sobre os homens, embora que de referência aos discípulos de Zarathustra (*sic*).

“Ficai fiéis à terra” — dizia ele— “meus irmãos, com todo o poder de vossa virtude! Que o vosso amor que dá e o vosso conhecimento sirvam ao *sentido* da terra! Assim vos peço e para isso vos conjuro... Solitários, hoje, vós, vivendo separados assim, um dia sereis um povo. Escolhendo-vos, um dia, formareis um povo, escolhido — e será quando o sobrehumano há de nascer. Realmente a terra há de vir a ser, algum dia, um lugar de cura. E já um novo perfume a cerca, um odor salutar — e uma esperança nova!”.

Aí fica a feição ideal do superhomem, sem nenhum fundamento lógico na natureza das coisas. O *uebermensch*, porém, não é um idealismo sobrenatural, que dê à filosofia de NIETZSCHE o caráter corruptível da obsoleta metafísica. Aliás metafísico e transcendental foi o seu próprio autor. O superhomem, pois, tem o seu fundamento filosófico, e nada mais natural e conforme à boa razão.

III

BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DO SUPERHOMEM

EDOUARD SCHURÉ reconheceu no autor do — *Jen seits von Gut und Bose* — as individualidades de um sábio, de um artista e de um filósofo, em luta constante, não podendo nenhuma delas se estender, como preciso era, pela concorrência indeclinável de todas. Pode-se, pois, enfrentar a criação do superhomem, como venho fazendo, sob esses três aspectos: poético, artístico, ou ideal; filosófico, metafísico, ou transcendental; e científico, ou natural. Sob o primeiro desses aspectos, já destaquei a idealização do *adlermensch*, do homem-águia, figura capital do — *Also sprach Zarathustra*. E, apreciando a guerra que NIETZSCHE movia ao positivismo, que não percebe senão a aparência das coisas e quer, por sobre todas as forças organizadoras da vida e da moral dos homens, com o prestígio de uma religião, que ergueu a humanidade ao cargo de deus, determinar aos homens e às suas sociedades normas de vida e de coexistência, vou enfrentar com o *uebermensch*, com o superhomem, sob o aspecto filosófico da grande obra nietzscheana (*sic*).

Neste caso, a forma do sobrehumano virá da destruição do mundo moral de hoje. *Nichts ist wahr, alies ist erlaubt!* -- gritava o filósofo. “Nada é verdadeiro, tudo é permitido!”. É bem de notar

que NIETZSCHE, como filósofo, era um puro metafísico, era um transcendental, apesar do que tinha ligações com os maiores vultos da filosofia moderna. “Através do exagero e da incontidência, diz J. BOURDEAU, as teorias de NIETZSCHE não são sem afinidades com as de KANT, de SPENCER e de DARWIN. KANT proclama o imperativo categórico, não do interesse como quer NIETZSCHE, porém da consciência; ele reconhece que o dever não é facilmente obedecido; ele louva como um benefício as lutas malfazejas entre os homens, e até a paixão de mandar porque ela desperta nobres qualidades. NIETZSCHE celebra, por igual, a vontade de poder, *Wille zur Macht*. SPENCER considera que a filantropia, que permite a existência aos desamparados, opera uma seleção *à rebours* e acabaria por transformar o mundo civilizado em uma corte dos Milagres. NIETZSCHE vê, igualmente, a Europa inteira degenerar a olhos vistos. A moral de NIETZSCHE, a moral de combate, é a verdadeira moral científica, tal como se a pode deduzir, com mais ou menos rigor e moderação, da teoria de DARWIN, sobre a *struggle for life*. Tomados em pequenas doses esses venenos podem tornar-se salutares. A filosofia de NIETZSCHE se oferece, como um antídoto, à doença do século, ao pessimismo aniquilante, ao desgosto da vida, enfim”.

Também metafísico era o processo do superhomem. Queria ele que este chegasse por *Selbslaufhebung*, ou pela auto-supressão, coisa muito semelhante à evolução, do céptico, segundo o pessimismo de SCHOPENHAUER. E tudo isto serve para mostrar claramente que NIETZSCHE foi um filósofo e que a sua obra não foi, absolutamente, uma filosofia. A sua versatilidade não impediu que ele tivesse a compreensão dos preceitos mais comuns do conhecimento humano para fazer a escolha consciente de suas afirmações e negativas, não se importando com que, para a coesão momentânea das ideias do presente, o passado ficasse considerado como um grau menor de sua evolução intelectual. Por isso, JULES

DE GAULTIER asseverou: “A filosofia, em NIETZSCHE, existe num estado de perfeita anatomia; mas, ela se mostra recoberta, assim como de uma carne fremente, de um lirismo e de uma fase concreta, rica em imagens, em que o abstrato se vivifica e se realiza”. Mas também, um tal filósofo abusava das abstrações que podia fazer das coisas humanas e terrestres. Daí o caráter metafísico do superhomem, quando diz com toda a força de seu pedantismo: “O sobrehumano é a razão de ser da terra”. Define-o bem HENRI LICHTENBERGER, o mais profundo comentador das obras do pensador alemão: “Que é o superhomem e como o homem poderá dar-lhe nascimento? Pode-se definir o superhomem: o estado a que atingirá o homem quando tiver renunciado à hierarquia atual dos valores, ao ideal cristão democrático, ou ascético, que têm curso, hoje, em toda a Europa moderna, para voltar ao quadro dos valores admitido entre as raças nobres, entre os Mestres que criam, eles próprios, os valores por eles reconhecidos em lugar de recebe-los de fora. Bem entendido, não se trata, absolutamente, de voltar atrás, de fazer renascer depois dos séculos de civilização, o selvagem de cabelos castanhos dos tempos primitivos. O homem não deve perder nenhum dos seus conhecimentos, das suas aptidões, das forças novas que ele tem adquirido ao curso de suas longas e experiências; mas ele deve quebrar os velhos quadros das leis que o seguram na sua marcha de hoje, e substituí-los por novos preceitos”. É a expressão fiel dos conceitos e dos estudos nietzscheanos, essa claríssima página de LICHTENBERGER. Nada, porém, há de mais metafísico do que o homem ser um anarquista, um niilista, ou um simples transmutador de valores para continuar a ser o mesmo homem. E neste ponto estão, entretanto, de acordo os vários comentadores de NIETZSCHE.

Também é metafísico o *processus* para que se chegue à hora de aparecer o superhomem. SCHURÉ assim o expõe: “Enterradas

para sempre essas velhas quimeras de Deus, de almas do outro mundo, de sobrenatural; derribados, igualmente, todos esses falsos deuses, no — *Crepúsculo dos ídolos*. Mas o homem forte, o homem intelectual forjando-se o seu próprio ideal, sua humanidade, ao seu gosto, sem nada acima dele, sem outra lei que não a sua, desprezando os fracos e os tolos, e convidando todos os fortes para fazerem como ele, tal é a concepção desse Zarathustra, com a qual NIETZSCHE pretendeu revelar aos seus contemporâneos e à sua posteridade “o *homem-sobre-humano*”, que tinha descoberto >.

São bem estes o tipo metafísico do superhomem, tanto quanto se o chamou de *adlermensch*, homem águia, e o *processus* para a sua perpetração. O primeiro — o *simples homem de talento*; o segundo — a *aristocratização das multidões*. E isto para simplificar a dicção própria do caso.

IV

BASES NATURAES, OU FILOGENÉTICAS, DA TEORIA DO SUPERHOMEM

O superhomem pode também ser encarado como um produto futuro e espontâneo da evolução do homem atual, produto tão justificável quanto se leve em devida consideração o encadeamento dos elos na escala zoológica, desde as moneras, de HAECKEL, até aos seres humanos, que não têm, por certo, diferenças dos demais graus da cadeia dos seres vivos, ao ponto de nele paralisar-se a evolução e dele não vir um ser mais aperfeiçoado “capaz de o subjugar”.

Neste assunto, NIETZSCHE deixou de ser, como lhe chamou SCHURÉ, “o pai sinistro e grave de todos os anarquistas do pensamento”, para, antes de chegado ao seu *ateísmo epilético*, lançar as bases de uma construção filosófica, admiravelmente

sustentada pelos princípios do monismo naturalístico de HAECKEL e outros pensadores. Entretanto, não fora esse o único ponto de contato dos dois escritores alemães. Diz SCHURÉ: < Porque NIETZSCHE, com o seu orgulho intransigente, em seu furor contra Deus, o Divino e o ideal, chegou á mesma conclusão que HAECKEL, o discípulo adiantado de DARWIN, a saber que a ideia da alma, na qual, nós outros partidários do espiritualismo evolutivo e transcendente, colocamos todos os recursos e todas as esperanças, é < *uma regressão para o estado selvagem.* > (*sic*).

Mas, fazendo volta para a questão do superhomem, é bem de ver que o ilustre autor do — *Also sprach Zarathustra* — de acordo com a sua razão de homem esteve quando escreveu: “Até agora todos os seres têm criado alguma coisa acima deles, e quereis ser o refluxo deste grande fluxo, e antes voltar à besta do que passar além do homem? Que é o macaco para o ente humano? Uma irrisão ou uma vergonha dolorosa. E é o que deve ser o homem para o sobre humano: uma irrisão ou uma vergonha dolorosa”. Essa evolução, por meio da qual, do homem sairá o superhomem, ou do *affenmensch*, homem macaco, sairá o *adlermensch*, homem-águia, está baseada, não sei, no entanto, se com o propósito preconcebido, no transformismo animal, do que se encontram aplicações mais poéticas e mais fantasistas, no capítulo das — *Três transformações* — do — *Also sprach Zarathustra*. Na concepção do *uebermensch*, porém, o vigoroso estilista alemão desprezou certas preocupações banais de sua alma insatisfeita, para ser lógico, ao mesmo tempo em que foi filósofo e transformista. E por ser racional, e muito racional, aliás, a sua doutrina do transformismo humano, foi suscetível de uma belíssima sistematização, apesar das superficiais contestações de empavesados censores e discutidores apaixonados, que, como adversários se têm agarrado à loucura final de NIETZSCHE — porque FRE-DERIC NIETZSCHE morreu louco, encerrado num

asilo — para tentar desvalorizar o seu espírito que, segundo JOÃO RIBEIRO, tomou todas as feições de erudito, filósofo, filólogo, literato, artista genial da palavra e poeta... Na verdade, negar não se pode que há uma sistematização filosófica nas páginas do — *Also sprach Zarathustra*. < Disputa-se > — são trechos estes de Eugène DE ROBERTY — “calorosamente a NIETZSCHE o título de filósofo. Pretende-se que o seu espírito caótico seja rebelde a toda a sistematização verdadeira, a toda pesquisa de unidade, a toda síntese. Não demorarei em refutar essa opinião tão injusta quanto preconcebida, e que se apoia sobre um ideal, singularmente estreito, de função filosófica, NIETZSCHE é de tal forma um filósofo que, debaixo de um certo ponto de vista, pode-se dizer que a sua obra se oferece como a antítese viva da do sábio. É filósofo segundo o antigo sentido da palavra, então que a filosofia não se separava da ciência, imobilizada em sua fase incoativa e empírica, e da arte que ela própria inspirava e dirigia. Com outros escritores modernos, como RENAN, com GUYON, por exemplo, admite, por sua vez, o velho dogma da *sabedoria*, e disse ele que, ‘sem se deixar abusar pelos milagres enganadores das ciências, fixava o seu olhar sobre a viagem total do mundo’. A ética, mais particularmente aos seus olhos, se confunde com a filosofia, a que incumbe o papel difícil de examinar, de separar com cuidado os principais valores sociais e morais, afim de fixar a ordem que lhe pertencer na hierarquia universal das cousas”. Por força de tudo isto, tem-se verificado que o estudo de sua concepção foi regulado, tendo por norma, ou por farol, a interrogativa que se lê no prefácio da — *Genealogia da moral*: “Que tenho eu com as refutações?”. E, coerente com tudo isto, a vida do escritor foi de combate, foi de seleção, o que ainda mais justifica as suas teses evolucionistas. Tudo, porém, NIETZSCHE fazia no sentido de dar desprezo aos combatentes fracos para se atacarem, somente, os filósofos e os escritores de

renome conhecido.

Daí as luminosas páginas de crítica que se podem dizer NIETZSCHE *versus* WAGNER. Mas, sobretudo, o superhomem, o *uebermensch*, foi um produto dessas grandes ideias filosóficas.

Alhures se tem crido numa humanidade ideal, sendo usado, para isso, um sistema perfeito de educação. É bem fundamentada, sem dúvidas, esta concepção, e muito semelhante à da obra nietzscheana. SCHELLEY (*sic*), na opinião do grande crítico H. TAINÉ — <um dos maiores poetas de seu século> — compreendeu que — “se a humanidade abolisse as suas antigas instituições e esquecesse os seus antigos preconceitos, todos os males que existem neste mundo, poderiam desaparecer de repente...”.

Mas, aí está!

Fundamentada como a criação do superhomem, não se conhece outra no transformismo hominal. O evolucionismo do mundo não se deteria, por certo, no homem, neste ser falho e ridículo, apesar de sua grande complexidade orgânica e de sua presunção intelectual. O *uebermensch*, perante a ideia da evolução universal, é um fato a consumir-se. O tempo disto, a era em que tal terá de dar-se, poderá variar: mais séculos ou menos séculos, mais dia de cem anos ou menos dia de cem anos, como falariam os bíblicos. Todavia, poderá também chegar inesperadamente. O esbarro, na verdade, da escala animal no homem inteligente é que se caracteriza uma extravagante utopia, e quando foi destronado o rei da criação foi porque, morta a sua dinastia, uma outra mais nova e mais forte, terá de vir, como de fato.

Abstract: In this essay, the “baiano philosopher” Almachio Diniz seeks to discover in the “superman” of Nietzsche the principles of philosophical evolutionism, which he refers to Ernst Haeckel. He argues that the *Übermensch*, in face of the idea of universal evolution, is a fact to be consummated in the future.

Keywords: Nietzsche – superman – evolution – Zarathustra